

Do Ego ao Eco: Uma reflexão sobre o papel do antropocentrismo na crise ambiental contemporânea.

Júlia Almeida de Araújo (IFPB, Campus João Pessoa), Dalvanice de Araujo Fernandes (IFPB, Campus João Pessoa), Hanna Larissa Félix Feitosa (IFPB, Campus João Pessoa), Murilo Vitor Gonçalves Freire (IFPB, Campus João Pessoa), Emmanoel de Almeida Rufino (IFPB, Campus João Pessoa).

E-mails: almeida.julia@academico.ifpb.edu.br, dalvanice.araujo@academico.ifpb.edu.br, zyoon.ibeilly@academico.ifpb.edu.br, hanna.larissa@academico.ifpb.edu.br, murilo.goncalves@academico.ifpb.edu.br, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 2.05.03.00-8

Palavras-chave: ecologia; egocentrismo; integralidade; meio-ambiente.

1. Introdução

A relação homem-natureza é, desde primórdios da humanidade, marcada por uma complexidade de manifestações e discutida à luz das diferentes cosmologias. No entanto, divergente da perspectiva que se estabelecia nas sociedades primitivas - cuja natureza era percebida como intrínseca à sobrevivência e tratada com zelo e respeito - a partir do momento em que se adota uma concepção mecanicista e reducionista do universo, colocando o ser humano no centro, perde-se o encantamento de mundo e os recursos naturais passam a ser concebidos como fonte de lucro. Assim, o egocentrismo sobrepõe-se à perspectiva ecológica de integração, de modo que a espécie humana ilusoriamente se põe no lugar de superioridade às demais.

Diante desse panorama, é frequente a busca pela compreensão da crise ambiental. Todavia, sendo um cenário multifacetário, o antropocentrismo se apresenta como um entrave na compreensão de sua totalidade, uma vez que mascarar os danos antropológicos em nome da suposta racionalidade e avanço tecnológico impede o verdadeiro entendimento dos impactos do sistema econômico e do método científico que atualmente vigora na maior parcela do planeta.

O objetivo do trabalho é, portanto, compreender o impacto do egocentrismo no cenário ambiental hodierno, uma vez que a ilusão do homem no centro como espécie superior propulSIONA a desintegração da perspectiva ecossistêmica. Para isso, etapas específicas fazem-se necessárias, sendo elas: investigar as razões da mudança na percepção do meio ambiente em favor da racionalidade humana, analisar o egocentrismo como base da ideia de dominação da natureza e compreender a relação entre esses fatores e a crise ambiental atual.

Assim, a pesquisa se justifica pela necessidade de repensar o cenário atual de degradação ambiental por perspectivas mais profundas, que busquem, para além da remediação em termos práticos, a compreensão das motivações pelas quais o planeta tem sido destruído devido à (ir)racionalidade da espécie humana em busca da falácia de progresso.

2. Materiais e métodos

O presente estudo apresenta caráter exclusivamente teórico, de abordagem qualitativa. Para alcançar os objetivos propostos, investigou-se a obra “Ponto de Mutação” (Capra, 1982) e trabalhos retirados de bibliotecas científicas virtuais. Essas referências foram utilizadas a fim de compreender a crise ambiental sistêmica que o mundo enfrenta atualmente, bem como a influência dos conceitos de *Desencantamento do Mundo* (Weber, 2004), Método Cartesiano e Egocentrismo neste cenário.

3. Resultados e discussão

Segundo Fritjof Capra (1982), a ciência - em seu surgimento - estabeleceu como propósitos a sabedoria e a compreensão das leis naturais, bem como uma vida em harmonia com elas. Todavia, conforme Quaranta (2008), o Renascimento marcou o momento em que o homem se coloca no centro do universo e valida seu poder sobre a Mãe-Terra, de modo que a partir dessa percepção, o conhecimento que pode ser utilizado para o controle e dominação dos sistemas ecológicos passou a ser o objetivo central. Tal que, até a atualidade, essa busca desfrutava de fins profundamente antiecológicos.

Essa idealização permite não somente a construção da ideia do homem no centro do universo, mas também, de sua posição de soberania em comparação a dos outros organismos. Tavares (2022) especula que o maior dano causado pelo egocentrismo é traçar os limites do próprio centro de maneira tão intensa que se tem como resultado a exclusão das demais espécies, propulSIONANDO a concepção do meio ambiente como algo externo, onde o homem, supostamente independente e dissociado, apenas se situa, e sobre ele, exerce dominação.

Afirma-se a identidade do ser humano em termos de superioridade mediante o processo de separação e oposição que lhe daria o direito de instrumentalizá-las segundo seus interesses próprios. Sendo assim, a identidade própria do ser humano se afirmaria em termos de superioridade, exterioridade e instrumentalidade. (Tavares, 2022, p.21)

Capra (1982) ainda expõe que boa parte da concepção universo como sistema mecânico advém das ideias de Descartes, uma vez que o método proposto por ele influencia até os dias atuais todos os ramos da ciência moderna. Assim, sua adoção como meio exclusivo para alcance do conhecimento impulsionou o desequilíbrio que atualmente assola o planeta, visto que outras formas de conceber o mundo, sobretudo as integrativas não matematizáveis, que prezam pela preservação ambiental, foram desprezadas em detrimento a esta. “O homem do Ocidente negou a diversidade, hierarquizou-a, dominou o diferente, ou seja, os outros homens e a natureza; esta, inanimada, regida por leis sem subjetividade, foi seccionada em objetos e em áreas de estudo.” (Quaranta, 2008).

A divisão entre espírito e matéria levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, [...] Essa concepção cartesiana da natureza foi, além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. [...] e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesses. (Capra, 1982)

Assim, como defende Gonçalves (2007), a ciência do Ocidente adotou como propósito ontológico o domínio da natureza, buscando descrever uma realidade de que se espera estabilidade. Por isso, ela desfaz a complexidade dos fenômenos, reduzindo-os a um mero mecanismo causal traduzível pelo o cálculo e quebra por completo o sentido unitário do mundo. Conectada a essa perspectiva de ciência, está a crença de que o homem, justificado por ela, prevalece sobre a natureza.

Weber (2004) discorre acerca dessa mudança de paradigma com base na ideia de Desencantamento do Mundo, que corresponde à expressão da eliminação da magia como meio de salvação, um fenômeno que retira da alma anímica do mundo por meio dos processos de racionalização.

Cardoso (2014), em concordância com Weber, reafirma que a ciência, ao desencantar o mundo, faz com que as ideias fundem-se cada vez mais fortemente em uma perspectiva mecanicista. “O desencantamento do mundo natural, ou seja, do mundo com sentido cosmológico, culminou com a destruição do animismo. A dominação da matéria e do mundo não mais se dá por meio de forças sobrenaturais, mas com a razão, com o cálculo realizado pelo conhecimento científico” (Gonçalves, 2007).

O alerta quanto a este panorama, é que o universo, conforme Capra (1982), corresponde a uma teia dinâmica de inter-relações, e portanto, nenhum de seus elementos prevalece sobre os outros, todos são resultados das propriedades das outras parcelas da teia e a coerência total entre todos os indivíduos é responsável por determinar sua estrutura e manutenção.

Mesmo diante da desconexão com a natureza e todas as consequências já perceptíveis, Capra (1982) afirma que a cultura ocidental se orgulha do cientificismo, bem como, não concebe a possibilidade de existência de um conhecimento intuitivo, o qual é tão pertinente convicto quanto o outro. Estende-se expressando que o próprio entendimento dos ecossistemas é prejudicado pela essência da mente racional, uma vez que esta é linear, ao passo que, como já exposto, a concepção ecológica exige a compreensão de sistemas não-lineares, baseados no equilíbrio dinâmico.

Conforme Krenak (2019), a perda da noção integrativa atrelada ao desencantamento de mundo, permite que, ao despersonalizar os recursos naturais, aniquila deles os seus sentidos, considerando que são características particulares dos seres humanos, permitindo que se tornem resíduos da atividade extrativista antropocêntrica.

Nosso progresso, portanto, foi uma questão predominantemente racional e intelectual, e essa evolução unilateral atingiu agora um estágio alarmante, uma situação tão paradoxal que beira a insanidade. Podemos controlar os pousos suaves de espaçonaves em planetas distantes, mas somos incapazes de controlar a fumaça poluente expelida por nossos automóveis e nossas fábricas. Propomos a instalação de comunidades utópicas em gigantescas colônias espaciais, mas não podemos administrar nossas cidades. (Capra, 1982, p. 39)

À luz disso, fica evidente que o antropocentrismo tem se formulado a partir de uma exótica mentalidade no que diz respeito das demais criaturas, assim, conforme Tavares (2022) é importante evidenciar que renunciar essa centralidade não simboliza perder a individualidade de modo que todos se coloquem como iguais, mas sim, trata-se

de uma condição sine qua non na restauração da singularidade do ser humano, isto é, sua particularidade no arranjo plural de todos os organismos. O reconhecimento da alteridade de todas as espécies não permite à humanidade o direito de criar centros, mas, ao contrário, urge a instauração de um conjunto de singularidades.

5. Considerações finais

Diante do exposto, pode-se concluir o impacto da ideia de soberania da espécie humana - que não somente se coloca no centro, mas também no topo, adotando a racionalidade como arma de domínio sobre os demais organismos - na crise ambiental enfrentada pelo planeta. Dado que, a instauração do método científico cartesiano não somente se torna “justificativa” para a exploração e destruição da natureza em nome do progresso tecnológico e lucro tão buscado pelo sistema econômico, como os seres humanos, espécie responsável pela degradação, se distancia cada vez mais da concepção de integralidade, crendo ser uma espécie não somente superior às outras, como externa a conjuntura dos ecossistemas.

Agradecimentos

Manifesta-se aqui os agradecimentos ao IFPB (em nome de sua Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação - PRPIPG) e ao CNPq em razão do apoio financeiro que permitiu o desenvolvimento deste trabalho, resultante, por sua vez, do projeto de iniciação científica (PIBIC-EM) intitulado “Perspectivas críticas das antigas concepções ecossistêmicas de saúde ética à contemporaneidade: enredando interfaces epistemológicas para uma vida humana sustentável no mundo atual”.

Referências

- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARDOSO, M. R. O desencantamento do mundo segundo Max Weber. **Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias/Vol. 01-Nº 02/Jul-Dez 2014**
- GONÇALVES, V. O desencantamento do mundo, a crise ambiental e o pensamento complexo. **Em Tese**, Vol. 4 n. 1 (1), agosto-dezembro/2007, p. 01-24
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- QUARANTA, M. O ponto de vista sistêmico: a antiga physis grega ressurge nos sistemas ambientais. **Gaia Scientia**, Paraíba, v. 2, n. 2, 2008.
- TAVARES, S. S. A “invenção” do antropocentrismo: uma abordagem decolonial. **Perspect. Teol.**, Belo Horizonte, v. 54, n. 2, p. 419-442, Mai./Ago. 2022
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.